

Nascimento, Joelson

A relação entre lógica, páthos e éthos na Arte Retórica de Aristóteles

ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

A RELAÇÃO ENTRE LÓGICA, PÁTHOS E ÉTHOS NA ARTE RETÓRICA DE ARISTÓTELES

Joelson Santos Nascimento

Mestre em Filosofia PPGF/UFS

VIVA VOX (Grupo de pesquisa em Filosofia Clássica e Helenística)

RESUMO: Na *Arte Retórica (Ret.)*, duas formas podem ser utilizadas para realizar uma demonstração: o exemplo, considerado por Aristóteles como indução; e o entimema, com sua forma dedutiva. Trataremos neste texto da última forma como “corpo” que carregará consigo as provas do discurso. Mostraremos sua estrutura silogística a fim de compreendermos o seu uso. Mas isso não será suficiente se não entendermos também as matérias-primas pelas quais o entimema é nutrido. Essa forma dedutiva, adaptada ao discurso retórico, tirará suas premissas de lugares comuns a todos os gêneros do discurso (deliberativo, judicial e epidítico) e lugares específicos a cada um deles. Mas a matéria prima que nos interessa é aquela fornecida pelo caráter moral (*éthos*) do orador e das disposições criadas por ele nos ouvintes (*páthos*). São as provas que são fornecidas pelo próprio discurso, nomeadas provas artísticas (*éntechnai pistis*). Nosso objetivo é o de mostrar a estrutura lógica do entimema assim como sua relação com esses dois tipos de provas.

PALAVRAS-CHAVE: lógica, entimema, *páthos*, *éthos*.

ABSTRACT: In *Rhetorical Art (Ret.)*, two forms can be used to perform a demonstration: the example, considered by Aristotle as induction; and the enthymeme, with its deductive form. We'll deal in this work with the last as the “body” that will carry with it the evidences of discourse. We'll show its syllogistic structure in order to understand its use. But that will not be enough unless we also understand the raw materials from which the enthymeme is nourished. This deductive form, adapted to rhetorical discourse, will take their premises from common places common to all genres of discourse (deliberative, judicial and epidictic) and specific to each place. But the raw material that interests us is supplied by the moral character (*éthos*) of the speaker and of dispositions made by him in the hearers (*páthos*). It's the evidence that is provided by speech itself, named artistic proofs (*pistis éntechnai*). Our aim is to show the logical structure of the enthymeme and its relation with these two types of evidence.

KEYWORDS: logic, enthymeme, *páthos*, *éthos*.

Nascimento, Joelson
A relação entre lógica, páthos e éthos na Arte Retórica de Aristóteles

1. Considerações iniciais

Aristóteles criou o que podemos chamar de um manual capaz de elencar todos os passos para se atingir a persuasão diante de um determinado público. Mas, para tal objetivo, é necessário possuir provas (*pístis*)¹. Para adquiri-las, podemos utilizar o caráter moral (*éthos*) do orador, as disposições criadas por ele nos ouvintes (*páthos*) e o domínio que ele possui sobre o *lógos*. No entanto, elas devem vir em forma de demonstração, ou seja, devem possuir uma estrutura silogística pela qual, a partir de suas premissas, deduz-se uma conclusão. Essa demonstração, por sua vez, terá uma forma particular que irá facilitar o objetivo do orador: o entimema. Ela fará o papel de *sōma pisteōs*, ou seja, o corpo da prova. Mas antes vamos falar brevemente sobre o silogismo.

2. O Silogismo

“O silogismo é um *lógos* no qual, certas coisas sendo postas, alguma coisa de outra que estes dados resulta necessariamente graças unicamente aos dados” (*Primeiros Analíticos* I, 1 24b). O silogismo é uma maneira de argumentar sobre qualquer assunto, tendo uma estrutura básica composta por duas premissas e uma conclusão. Essas premissas proposicionais, para fazerem parte do silogismo, devem sempre atribuir um predicado a um sujeito, ou seja, devem ser proposições categoriais, além de estarem acompanhados de uma cópula (“é” ou “não é”). O objetivo de Aristóteles foi analisar as diversas formas válidas de argumentar mediante o silogismo. Essas formas não devem ser pensadas como uma ordenação do pensamento que nos leva do particular ao universal, mas sim com “uma argumentação na qual, de um antecedente que une dois termos a um terceiro, infere-se um conseqüente que une esses dois termos entre si.”

Pístis como substantivo feminino significa fé, confiança em outro. Em um sentido comercial significa “crédito”. Podemos interpretá-lo também como aquilo que garante a fé, um pacto, um juramento. Segundo Vernant no livro *As origens do pensamento grego*, em um sentido político: “*Pístis* é igualmente associada a *sophrosýne*. Trata-se de uma noção social e política, tal como a *homónoia*, de que constitui o aspecto subjetivo: a confiança que os cidadãos sentem entre si é a expressão interna, a contrapartida psicológica da concórdia social. Na alma como na cidade, é pela força dessa *pístis* que os elementos inferiores se deixam persuadir a obedecer àqueles que têm o encargo de comandar e aceitam submeter-se a uma ordem que os mantém em sua função subalterna.” p. 95-96. Tomemos aqui a noção indicada por Vernant tendo em mente que a retórica antiga tinha como escopo o campo político. Nesse sentido, consideraremos *pístis* como confiança ou persuasão.

Nascimento, Joelson

A relação entre lógica, páthos e éthos na Arte Retórica de Aristóteles

(MARITAIN, 1972, p. 195.). Os dois termos encontrados nos extremos das proposições são denominados Termo Maior (T) e Termo Menor (t). O predicado da conclusão é o T, enquanto o sujeito é o t. O Termo Médio (M) jamais faz parte da conclusão, mas cria uma ligação entre os dois termos.

Esse tipo de inferência tem por base certos princípios e regras. O princípio do terço excluso, por exemplo, é descrito por Aristóteles da seguinte forma: “Quem diz de uma coisa que é ou que não é, ou dirá o verdadeiro ou dirá o falso. Mas se existisse um termo médio entre os dois contraditórios, nem do ser nem do não ser poder-se-ia dizer que é ou que não é” (*Metafísica.*, IV, vii, 1011b). A regra de não-contradição, por sua vez, é aquela segundo a qual “duas proposições contraditórias não podem ser simultaneamente verdadeiras, nem simultaneamente falsas”. Além disso, temos regras silogísticas que nos auxiliam a realizar inferências adequadamente. Entre elas temos: (i) de duas premissas negativas nada se conclui; (ii) precisa-se ao menos de uma premissa afirmativa para se chegar a uma conclusão; (iii) de duas premissas particulares nada se conclui; (iv) precisa-se ao menos de uma premissa universal para se chegar a uma conclusão; (v) o termo menor é sempre sujeito da conclusão; (vi) o termo maior é sempre predicado da conclusão; (vii) o termo médio jamais aparece na conclusão; (viii) a conclusão segue sempre a premissa mais fraca². Essa estrutura será a base para argumentação na *Ret.*, no entanto, a forma que irá possuir a definirá como um dos instrumentos mais eficazes na arte da argumentação.

3. O Entimema

A função da retórica é tratar de assuntos sobre os quais pode existir uma deliberação: “Nós deliberamos sobre as questões que parecem admitir duas possibilidades de solução, já que ninguém delibera sobre as coisas que não podem ter acontecido, nem vir a acontecer, nem ser de maneira diferente; pois, nesses casos, nada há a fazer” (*Ret.*, I, 1356b). Nesses assuntos deliberativos, podem-se formar silogismos partindo de premissas que já foram demonstradas através de outros silogismos ou de premissas que ainda não foram demonstradas. No primeiro caso, a demonstração torna-se difícil pela grande quantidade de premissas, pois Aristóteles pressupõe que o orador estará diante de um público incapaz de seguir uma argumentação mediante uma longa

² Sendo a particular mais fraca em termos informativos que a universal; e a negativa mais fraca que a afirmativa.

Nascimento, Joelson

A relação entre lógica, páthos e éthos na Arte Retórica de Aristóteles

cadeia de raciocínios, pelo que não se atinge o objetivo do discurso: a persuasão. No segundo caso, tratando-se de premissas sobre as quais os interlocutores não estão de acordo, não se atinge igualmente o objetivo do discurso, pois as premissas não são assentidas pela maioria. Assim, o entimema é um silogismo que se compõe de poucas proposições, as quais, em geral, são aceitas pela maioria das pessoas, facilitando dessa forma a compreensão dos ouvintes:

O entimema [é] formado de poucas premissas e em geral menos do que o silogismo primário. Porque se alguma dessas premissas for bem conhecida, nem sequer é necessário enunciá-la; pois o próprio ouvinte a supre. Como, por exemplo, para concluir que Dorieu recebeu uma coroa como prêmio da sua vitória, basta dizer: pois foi vencedor em Olímpia (*Ret.*, I, 1357a).

O conceito de entimema possui diversas implicações e críticas que não serão expostas neste trabalho. O que devemos ter em mente é apenas que sua estrutura lógica foi adaptada ao discurso retórico de forma a facilitar a compreensão dos ouvintes partindo de um conhecimento prévio do mesmo. Por isso a forma reduzida de um silogismo primário. O que nos interessa é como Aristóteles cria uma demonstração nesses moldes, tendo como matéria-prima o *éthos* e o *páthos*.

4. *Éthos*:

Persuade-se pelo caráter quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão do orador ser digno de fé. Pois acreditamos bem mais e depressa em pessoas honestas, em todas as coisas em geral, mas, sobretudo nas que não há conhecimento exato e que deixam margem para dúvida (*Ret.*, I, 1356a).

Afirma Aristóteles que o objetivo da Retórica está na produção de juízos (*Ret.* II, 1377b), pois tanto na deliberação, quando se aconselha ou desaconselha, quanto na decisão dos tribunais, afirmamos ou negamos algo sobre alguma coisa ou alguém. Desse modo, não é o ato de julgar estruturado apenas logicamente: por serem as decisões do público afetadas por suas experiências pessoais, mostrar simplesmente o discurso de forma lógica não realizará o objetivo do orador. Ele deve estar em certas disposições e inspirar confiança aos seus juízes. E, para que isso aconteça, diz-nos

Nascimento, Joelson

A relação entre lógica, páthos e éthos na Arte Retórica de Aristóteles

Aristóteles, um dos modos é o retórico aparentar, através do discurso, possuir prudência (*phrónesis*), virtude (*areté*) e benevolência (*eúnoia*). Elementos essenciais para o orador mostrar-se virtuoso, tão essenciais, afirma Aristóteles, que nem sequer precisamos utilizar a demonstração: “Três são as causas que tornam persuasivos os oradores, e sua importância é tal que por elas nos persuadimos, sem necessidade de demonstrações” (*Rt*, II, 1378a, p. 160).

Podemos interpretar a não utilização da demonstração, no tocante ao uso do *éthos*, como uma exceção ao uso do entimema. No entanto, apesar de aparentemente ele não ser necessário quando o orador é digno de confiança, deve o retórico fazer com que o público sinta a confiabilidade de seu caráter. Para isso, deve ele conhecer o modo de agir das pessoas dentro de determinada circunstância. A prova disso é que Aristóteles elenca seis tipos de caráter segundo as paixões, os hábitos, as idades e a fortuna. Lembremos que estamos no âmbito do discurso, isto é, o orador não poderá contar com o conhecimento prévio do público sobre seu modo de ser, desse modo não se precisaria dar-se ao trabalho de persuadir, mas sim de uma teoria sobre o caráter. Logo, cremos ser o entimema, mesmo nessa situação, o instrumento necessário para transportar a confiança ao ouvinte. Após isso, aí sim o orador não precisará mais utilizá-lo:

Como todos aceitamos favoravelmente discursos que são conformes o caráter de cada um e dos que nos são semelhantes, não é difícil descortinar como é que as pessoas se podem servir destes discursos para, tanto nós, como as nossas palavras, assumirem tal aparência. (*Ret.*, II, 1390a).

4.1- O *Éthos* dos Jovens

Seis são os tipos de características elencadas por Aristóteles na *Ret.*: O *Éthos* dos Jovens, O *Éthos* dos que estão no final da vida, o *éthos* dos que possuem a meia-idade, o *éthos* dos nobres, o *éthos* dos ricos e o *éthos* dos poderosos. Não precisamos analisar todas, mas exporemos apenas aquelas que dizem respeito à idade dos jovens, dos que estão no final da vida e dos de meia-idade.

Os jovens, para Aristóteles (*Ret.*, II, 1389a), possuem uma característica passional e são guiados pelos seus desejos. Um destes é o desejo pelos belos corpos, inclusive quando são atraídos pelos corpos dos amantes. E, com a mesma intensidade e rapidez com que desejam, perdem o desejo pela pessoa amada ou desejada: “tão

Nascimento, Joelson

A relação entre lógica, páthos e éthos na Arte Retórica de Aristóteles

depressa desejam como deixam de desejar (porque os seus caprichos são violentos, mas não são grandes, como a sede e a fome nos doentes)” (*Ret.*, II, 1389a). São facilmente dominados pela ira por sua impulsividade. Levam na mais alta conta a honra e, por isso, não conseguem suportar o desprezo e a desconfiança com que foram tratados injustamente. Gostam das honrarias e das vitórias, mais das vitórias, por se sentirem superiores, e menos do dinheiro, pois, segundo Aristóteles (*Ret.*, II, 1389a), ainda não possuem experiência quanto às necessidades da vida. São pessoas de bom caráter, porque ainda não têm experiência com a maldade. Tem bastante confiança, porque não possuem experiência com o engano. São otimistas, porque ainda não conhecem as decepções da vida. Para Aristóteles, os jovens têm uma relação maior com o futuro do que com o passado. O motivo disso é sua ligação mais forte com a esperança do que a lembrança: “para a juventude, o futuro é longo e o passado curto; na verdade, no começo da vida nada há para recordar, tudo há a esperar” (*Ret.*, II, 1389a).

Para Aristóteles, os jovens são pessoas facilmente enganáveis por causa da esperança que possuem. São corajosos por causa da impulsividade e do otimismo. Tal impulsividade faz os jovens não terem medo, e o otimismo faz com que sejam confiantes. São envergonhados porque ainda seguem o modelo de educação convencional e não imaginam a diversidade de coisas existentes. Sua magnanimidade funda-se na ausência da dor que a vida oferece. Consideram-se grandiosos, característica, de acordo com Aristóteles (*Ret.*, II, 1389a), dos esperançosos. Ao modo como agem, a beleza para eles é mais um guia do que a aplicação do que é conveniente em cada caso. As suas vidas estão mais de acordo com o *éthos*, e sempre planejam ou calculam o modo de agir. Aqui existe uma relação entre o cálculo e o conveniente, entre a virtude e a beleza. Para Aristóteles (*Ret.*, II, 1389a), uma ação conveniente é geralmente calculada, e uma ação bela tem como fundamento um agente virtuoso. No entanto, não é em todas as situações que isso ocorre. Por exemplo: os jovens gostam de estar com amigos e companheiros, e isso apenas ocorre por não julgarem a conveniência. São excessivos e violentos tanto no amor quanto no ódio, pois são contrários à máxima *Medèn ágan*³. Cometem a injustiça mais por insolência que por maldade. A compassividade está unida a certa inocência em acreditar que os seres humanos são, no fundo, bons. Por gostarem

³ Nessa passagem Aristóteles usa a máxima usada por Quilon, sábio espartano: μηδὲν ἄγαν, isto é: “nada em demasia”.

Nascimento, Joelson

A relação entre lógica, páthos e éthos na Arte Retórica de Aristóteles

de rir, zombam dos outros, o que Aristóteles chama de “insolência bem-educada” (*Ret.*, II, 1389b).

Por isso que, na *Ética a Nicômaco* (I, 1095a), Aristóteles nos fala que a falta de experiência dos jovens os torna inaptos para receber aulas de política, pois os problemas políticos se baseiam exatamente nessas experiências. No mais, como são dominados pelas paixões, a ciência política tornar-se-á inútil, pois o fim da política não é o conhecimento e sim a ação. Dessa forma, podemos concluir que para Aristóteles a experiência de vida tem o poder de modificar o caráter de uma pessoa. Os jovens, por sua inocência, possuem certas características que só se tornarão vícios quando eles passarem por determinadas situações em suas vidas e ainda sim continuarem a agir da mesma forma. Eis aqui a primeira fonte do *éthos* para alimentar o entimema: Conhecendo o caráter dos jovens ou sendo ele também um jovem, pode-se elogiar seu caráter, minimizando suas ações e tornando-as belas. Mas o importante aqui é que esse conhecimento seja transportado ao público mediante um argumento racional.

4.2 O *Éthos* dos que estão no final da vida

O caráter dos idosos, por já terem vivido uma quantidade de anos suficientes para suprir a falta de experiência, é considerado por Aristóteles como não totalmente oposto ao dos jovens (*Ret.*, II, 1389b). As situações que passaram na vida, como por exemplo, serem enganados, falharem em alguns de seus objetivos ou terem seus atos considerados insignificantes, tornou-os cautelosos e pouco falantes. Evitam falar de forma conclusiva por não terem o devido conhecimento sobre as coisas e, por isso, usam frequentemente os termos “talvez” (*ísōs*) e “supostamente” (*tákha*). Por verem as coisas de forma negativa, Aristóteles afirma que possuem um caráter ruim (*Ret.*, II, 1389b). São desconfiados, pelo que não possuem a mesma impulsividade e violência dos jovens no que diz respeito ao amor: “amam como se um dia pudessem vir a odiar e odeiam como se pudessem vir a amar” (*Ret.*, II, 1389b). Não têm a mesma vontade dos jovens em realizar algo grandioso, mas preocupam-se apenas com aquilo que é indispensável à vida, o que os torna, segundo o filósofo (*Ret.*, II, 1389b), mesquinhos. Outro motivo da mesquinhez é a experiência de quão difícil é adquirir e manter os bens adquiridos.

Nascimento, Joelson

A relação entre lógica, páthos e éthos na Arte Retórica de Aristóteles

Por terem o modo de ser muitas das vezes oposto ao dos jovens, são levados pela covardia e ficam receosos com quaisquer situações. São considerados para Aristóteles frios (*katepsygménoi*), contrários os jovens, que são quentes (*thermoí*) e tímidos, “tendo em conta que o medo é uma espécie de resfriado” (*Ret.*, II, 1389b)⁴. O amor que têm pela vida é motivado pela pouca quantidade de vida que ainda lhes resta, pois o desejo nasce de uma falta. O egoísmo existe em seus espíritos em demasia, e esse é o motivo de preferirem as ações úteis às belas, já que a utilidade diz respeito apenas ao próprio indivíduo, enquanto a beleza é por si. Não se importam com a opinião alheia e são impudicos. São pessimistas, segundo Aristóteles (*Ret.*, II, 1390a), por dois motivos: geralmente porque todas as coisas têm uma inclinação para um pior desfecho e porque são covardes. Pela pouca quantidade de anos que lhes resta são mais apegados às lembranças do que às esperanças, o que os torna bastante falantes e saudosistas. Quando irados, demonstram mais fraqueza do que força. Quanto aos desejos, ou não os têm ou, quando os têm, não possuem força para realizá-los. Seus desejos são substituídos pelos interesses: “esta é a razão pela qual os que atingem a velhice parecem moderados: é que os seus desejos afrouxam e são escravos do seu proveito” (*Ret.*, II, 1390a). As suas vidas estão baseadas mais no cálculo do que no caráter – ou seja, não têm como base a virtude. Quando realizam algum ato maldoso, ao contrário dos jovens, fazem isso com consciência e malícia. Veem um risco em tudo. Queixam-se em demasia, pelo que não são propensos ao riso e nem às brincadeiras.

4.3- O Éthos dos que possuem a meia-idade

O caráter destes está no que Aristóteles chama de meio-termo (*mésos*) entre o *éthos* dos jovens e o *éthos* dos idosos. Não são excessivamente confiantes nem temerários; nem totalmente confiantes nem desconfiados; não se inclinam mais para o belo ou para o útil, mas vivem os dois; não são frugais nem pródigos; não se entregam em demasia à paixão e ao desejo; possuem coragem aliada à temperança, coisas que nos jovens e idosos encontram-se separadas. Em suma: “Tudo quanto de útil está repartido entre a juventude e a velhice encontra-se reunido no auge da vida (*akmé*); tudo quanto naquela há de excesso ou carência, esta o possui na justa medida” (*Ret.*, II, 1390b).

⁴ ὁ φόβος κατάψυξιςτιςέστιν.

Nascimento, Joelson

A relação entre lógica, páthos e éthos na Arte Retórica de Aristóteles

Aristóteles nos mostra que a quantidade de anos para chegar no auge da vida é vista por dois vieses: o do corpo (de 30 à 35 anos) e o da alma (de 49 anos), mas, apesar desse parâmetro quantitativo, na *Ética a Nicômacos*. (I, 1095a) Aristóteles nos diz que a juventude pode se dar tanto na idade quanto no caráter, pois a questão não é o tempo, mas sim o modo de vida da pessoa e em que momento ela deixa de se guiar pelas paixões.

5 - O Páthos

Quando for vantajoso para um orador que os ouvintes sintam temor, convém adverti-los no sentido de que pode acontecer-lhes mesmo alguma coisa de mal (sabendo que até outros mais poderosos que eles também sofreram); convém ainda demonstra-lhes como é que a gente da mesma condição sofre ou já sofreu, tanto por parte das pessoas que não se esperaria, como por coisas e em circunstâncias de que não se estava à espera. (*Ret.*, II, 1383a)⁵

O livro II da *Ret.*, do capítulo 2-11, possui uma relação das paixões e seus respectivos contrários, relação sobre a qual o orador deverá ter o devido conhecimento, estimando as causas das paixões e as disposições para estimular a emoção no público. Segundo Manuel Alexandre Júnior, Aristóteles, com isso, reúne elementos para constituir uma argumentação psicológica que se anexa à argumentação lógica, retirando do estudo das paixões premissas para os entimemas: “o sofista estimula as emoções para desviar os ouvintes da deliberação racional. O orador aristotélico controla as paixões pelo raciocínio que desenvolve com os seus ouvintes” (JÚNIOR, in *Rt*, p. 41, Introdução). No total, Treze são as paixões descritas por Aristóteles na *Rt*: ira (*orgḗ*), calma (*praótēs*), amizade (*philia*) e inimizade (*éktra*), temor (*phóbos*), confiança (*thársos*), vergonha (*aiskhýnē*) e desvergonha (*anaiskhyntía*), amabilidade ou favor (*kháris*), piedade (*éleos*), indignação (*némesis*), inveja (*zēlos*), emulação

⁵ Essa citação pode ser exemplificada no fato em que Temístocles, general ateniense, após a primeira vitória da Grécia contra os persas, por suspeitar que seus inimigos voltassem e se concentrassem não mais em terra, como da primeira vez, mas no mar, tenta convencer a todos os atenienses a gastarem os espólios da guerra na construção de trirremes. Para isso ele teve de mentir, acusando algumas ilhas gregas de conspirarem contra Atenas. Alguns anos depois os persas atacaram, confirmando as suspeitas de Temístocles, e a batalha marítima foi tão importante quanto a de Termópilas.

Nascimento, Joelson

A relação entre lógica, páthos e éthos na Arte Retórica de Aristóteles

(*khataphónēsis*). Como não é nosso intento explorar a fundo tanto o *éthos* quanto o *páthos*, ficaremos aqui apenas, como exemplo, com cinco tipos de paixões.

5.1 Ira (*orgé*)

“Vamos admitir que a ira é um desejo acompanhado de dor que nos incita a exercer vingança explícita devido a algum desprezo manifestado contra nós, ou contra pessoas de nossa convivência, sem haver razão para isso” (*Ret.*, II, 1378a). A partir dessa afirmativa, Aristóteles concluirá que o iracundo voltará esse sentimento a um homem em particular, não contra a humanidade. Não importa se o agravo aconteceu ou estava na iminência de acontecer, a ira manifesta-se nessas duas situações. Ira e prazer mantêm-se juntos, pois existe a possibilidade da vingança:

De fato, existe prazer em pensar que se pode alcançar o que deseja; mas como ninguém deseja o que lhe é manifestamente impossível, o irascível deseja o que lhe é possível [...] por isso há um certo prazer que acompanha a ira, e também porque o homem vive na ideia de vingança, e a representação que então se gera nele inspira-lhe um prazer semelhante ao que se produz nos sonhos (*Ret.*, II, 178b).

A ira também é gerada pelo desdém (*oligōría*). Este, por sua vez, é formado pelo desprezo (*kataphrónēsis*), pelo vexame (*epēpreasmós*) e pelo ultraje (*hýbris*).

5.2 A Calma (*praótēs*)

“A calma pode ser definida como um apaziguamento e uma pacificação da cólera” (*Ret.*, II, 1380a). A ira, como vimos, está ligada ao desprezo, e aqueles que se comportam de maneira contrária aos iracundos são considerados, por Aristóteles, calmos. Esse *páthos* direciona-se principalmente para aqueles que admitem seus erros porque sentem o sofrimento do outro: “castigamos sobretudo os que nos contradizem e negam as suas faltas, mas apaziguamos a nossa cólera com os que reconhecem que são castigados com justiça” (*Ret.*, II, 1380a). A negação é uma vergonha, o desaforo, desprezo e desdém, esse é o motivo pelo qual as pessoas se encolerizam. O reconhecimento dos erros anula a ira.

Nascimento, Joelson
A relação entre lógica, páthos e éthos na Arte Retórica de Aristóteles

5.3 A amizade (*philia*) e a inimizade (*éktra*)

“Amar é querer para alguém aquilo que pensamos ser uma coisa boa, por causa desse alguém e não por causa de nós [...] É amigo aquele que ama e reciprocamente é amado” (*Ret.*, II, 1380a - 1381b). Um amigo se alegra com aquilo que nos alegra, assim como se entristece com aquilo que nos faz tristes; amigos também são aqueles que consideram as mesmas coisas boas e ruins e possuem um gosto em comum; o amor volta-se para as pessoas que nos fazem o bem, para aquelas que cuidam de nossos amigos como também as que nos prestam serviços; amamos também os amigos de nossos amigos: se eles os amam, também esse sentimento será por nós alimentado; como também aqueles que possuem inimigos em comum.

A inimizade nasce da cólera, do vexame e da calúnia.

5.4 A Inveja (*zéllos*)

“A inveja consiste numa certa pena sentida contra os nossos semelhantes devido ao êxito visível alcançado” (*Ret.*, II, 1387b). Nossos semelhantes são, segundo Aristóteles, aqueles que são iguais em “estirpe, parentesco, idade, disposição, reputação e posses” (*Ret.*, II, 1387b). A inveja também é atribuída pelo filósofo àqueles que estão a ponto de conseguir tudo o que desejam, pois a desconfiança em todos é grande: as pessoas que são honradas pela sabedoria e pela felicidade; os ambiciosos; os que se acham sábios; os mesquinhos; por fim, todos aqueles que procuram o sucesso em determinada área, são invejosos dentro dela.

5.5 A Emulação (*khataphónēsis*)

“A emulação consiste em um certo mal-estar ocasionado pela presença manifesta de bens honoríficos e que se podem obter em disputa com quem é nosso igual por natureza” (*Ret.*, II, 1388a). Os bens honoríficos são riqueza, muitos amigos, cargos públicos e demais fatos semelhantes. A emulação não se manifesta somente porque esses bens são de outro, mas porque também não pertencem ao êmulo. Isso não o torna uma pessoa má, porque ela usará os meios legais para conseguir os bens descritos acima, diferentemente do invejoso, que fará de tudo para impedir o sucesso do outro. Como nos diz o estagirita: “êmulos são aqueles que se julgam dignos de bens que não

Nascimento, Joelson

A relação entre lógica, páthos e éthos na Arte Retórica de Aristóteles

têm, mas que lhes seria possível vir a obter, uma vez que ninguém ambiciona aquilo que lhe é manifestamente impossível” (*Ret.*, II, 1388b).

As paixões listadas por Aristóteles: ira, calma, amizade, inimizade, temor, confiança, vergonha, desvergonha, piedade, indignação, inveja e a emulação, não são impedimento para a razão, elas fazem parte de um conjunto de ferramentas utilizáveis na persuasão. Aqui passamos por elas resumidamente, pois não é nossa intenção neste trabalho fazer uma análise completa das paixões⁶, mas sim mostrar de que forma tanto o *páthos* quanto o *éthos* podem ser inseridos em uma estrutura entimemática. Por isso o orador deverá ter o conhecimento do possível e do impossível, demonstrar como as coisas foram e serão, deverá saber como usar a grandeza e a pequenez, tudo isso incorporado ao conhecimento do caráter e das paixões que mostramos acima.

6. Relação entre lógica (entimema), *páthos* e *éthos*

Uma vez que ficou claro a que pessoas, por que razões e em que disposições se faz um favor, torna-se evidente que se devem extrair argumentos dessas fontes, mostrando que algumas pessoas estão ou estiveram em tal pena ou necessidade e que outras prestaram ou prestam um serviço, respondendo a esta ou àquela necessidade. Também se torna claro a partir de que argumentos é possível recusar um favor e pôr em evidência os mal-agraçados [...] Essa questão deve ser examinada à luz de todas as categorias, já que o favor existe ou porque é o que é, ou pela quantidade, qualidade, tempo e lugar (*Ret.*, II, 1385b).

Essas categorias são os lugares-comuns (*koinói tópoi*) ou, como qualifica Perelman, “depósitos de argumentos” (2005, p. 94), com o auxílio do qual podemos anexar um argumento racional ao conhecimento das emoções e do caráter. Uma dessas categorias é o lugar do possível e do impossível. A possibilidade da existência de um contrário torna o outro contrário também possível de existência: “Se um homem gozar de boa saúde, também é possível que adoça” (*Ret.*, II, 1392a). Inserindo o *éthos* nessa categoria, poderíamos formar um entimema. Caso um orador seja jovem e queira aparentar ser prudente, pode argumentar que, se os jovens são dominados pelos seus

⁶Thomas Conley, no artigo *Pathe and Pisteis: Aristotle Rhet. II* (2005, p.300-301), faz uma crítica a todos os autores que operam uma espécie de boicote às paixões na *Arte Retórica*. O argumento, segundo afirma, desses autores é de que a *Ética a Nicômaco* revela uma análise muito mais complexa das paixões e que as emoções são simplesmente uma variedade de coerção.

Nascimento, Joelson

A relação entre lógica, páthos e éthos na Arte Retórica de Aristóteles

impulsos, é possível que, em certas circunstâncias, dominem as suas paixões através da coragem. Se existir semelhança entre duas coisas, a possibilidade de uma fundamenta a possibilidade da outra. Se o mais difícil pode acontecer, o mais simples também. Vamos usar mais uma vez o *éthos* dos jovens: é possível um jovem ser prudente? Lembremos que não é a quantidade de anos o único indicativo para se chegar na *akmé* do indivíduo, logo, invertendo a argumentação de Aristóteles (*Ret.*, II, 1392a), se o mais fácil existe, um jovem não ser prudente, o mais difícil pode acontecer, um jovem ter prudência; se uma coisa teve início, é possível que tenha um fim, pois uma coisa não pode surgir de impossíveis; o mesmo se dá com o amor e o desejo: é possível que existam coisas que despertem o amor ou o desejo, porque esses sentimentos também não nascem se algo for impossível; é possível também que algo nasça a partir de pessoas pelas quais exercemos a persuasão ou a coação. Aqui temos mais uma vez o uso do *éthos* alimentando a estrutura entimemática, pois, de acordo com Aristóteles (*Ret.*, II, 1392a), a persuasão ou a coação acontecem quando somos superiores, senhores ou amigos (a superioridade de que nos fala Aristóteles é a superioridade da virtude). Sendo o todo possível, suas partes também o são. Sendo também possível o gênero, também a espécie o será, e vice-versa. A relação de reciprocidade entre duas coisas que são por natureza implica a existência das duas: “se o dobro é possível, a metade também, e se a metade é possível, igualmente o dobro” (*Ret.*, II, 1392b). Se for possível criar sem arte, com arte será mais possível ainda⁷.

As pessoas que são inferiores, com poucos recursos ou insensatas podem realizar coisas. Se isso é possível para elas, é possível também para pessoas com *éthos* contrários a esses. Um orador, de meia-idade, por exemplo, poderá argumentar que, se um jovem, ou uma pessoa de poucos recursos econômicos realizou certo feito, ele terá mais facilidade para isso. Quando algo acontece e não é por natureza, aquilo que é por natureza também acontecerá. O poder e o querer são elementos que fazem os homens realizar coisas. No entanto, as características desses atos dependem do *éthos* e do *páthos*:

⁷ No início do livro I da *Ret.* (1354a), Aristóteles diz que a maioria das pessoas argumenta ou questiona sobre alguma coisa de forma casual ou habitual, tornando quem o pratica hábil no que faz. No entanto, habilidade não significa conhecimento. Poderíamos compreender que seria mais fácil praticar bastante até nos chegar a habilidade. Mas aqui podemos notar que o conhecimento técnico tem a função de facilitar a prática. Ou seja: é mais fácil usar a técnica do que esperar pelo hábito.

Nascimento, Joelson

A relação entre lógica, páthos e éthos na Arte Retórica de Aristóteles

Se podia e estava irado, e se podia e queria. A maior parte das vezes, no entanto, os indivíduos, quando podem, fazem o que lhes apetece, os frívolos por intemperança, as pessoas de bem porque desejam o que é honesto (*Ret.*, II, 1392b).

Se uma consequência natural de alguma coisa aconteceu, o antecedente também, assim como a relação natural entre raios e trovões. Nem sempre existe necessidade em todas as consequências expressas acima, mas muitas delas acontecem na maioria das vezes ou, como diria Aristóteles, são coisas verosímeis. No que diz respeito à grandeza e à pequenez das coisas acontecidas, pode ser usada a mesma estrutura do possível e do impossível. Aristóteles não faz uma descrição sobre o grande e o pequeno ou quaisquer tipos de amplificação porque, quando trata do três gêneros do discurso em sua *Ret.* (deliberativo, judiciário e epidítico), isso já foi suficientemente explorado. Portanto, como afirma Perelman e Tyteca:

Aristóteles distinguia os lugares-comuns, que podem servir indiferentemente em qualquer ciência e não dependem de nenhuma, e os lugares-específicos, que são próprios, quer de uma ciência particular, quer de um gênero oratório bem definido [...] Portanto, os lugares-comuns se caracterizavam, primitivamente, por sua imensa generalidade, que os tornava utilizáveis em todas as circunstâncias (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 94).

Assim, para entendermos melhor como essa estrutura racional pode ser alimentada pelo *éthos* e pelo *páthos*, iremos tomar partido de um exemplo extraído da *Ret.*:

Se uma coisa aconteceu, ela deve ser examinada com base no que se segue [...] Se alguém queria fazer uma coisa e nenhum agente exterior o impedia; se podia e estava irado; e se podia e queria [...] E, para estabelecer que algo não aconteceu, é evidente que nosso argumento de ser derivado do oposto daquilo que dissemos (*Ret.*, II, 1392b).

Uma pessoa que seja dominada por algum tipo de emoção pode ser acusada facilmente por seu acusador. Por exemplo: um sujeito, que chamaremos de Paulo, matou João por vingança ou, simplesmente, Paulo matou João. Quem acusa Paulo deve tentar mostrar que João menosprezou e se alegrou quando Paulo sofreu um infortúnio. Isso se torna uma evidência de desprezo, o que torna razoável que Paulo tenha se encolerizado contra João (CONLEY, 2005, p. 310). Dessa forma, torna-se provável ou,

Nascimento, Joelson

A relação entre lógica, páthos e éthos na Arte Retórica de Aristóteles

podemos dizer, um sinal (*sêmeion*) de que uma pessoa com raiva busque vingança. E, logo, o motivo do assassinato seria a vingança.

Mas como o conhecimento sobre alguma emoção pode ser transformado em um argumento entimemático? Conley (2005, p. 310) toma o *páthos* da raiva. O acusador poderia alegar que, se Paulo estivesse apenas com raiva, ele poderia esperar para que sua raiva passasse. No entanto, Paulo viu em João um inimigo e focou toda sua raiva nele.

O defensor, por sua vez, deve mostrar uma oposição evidente: Paulo não matou João e menos ainda por vingança. Neste caso, o defensor tentará demonstrar que João se desculpou pelo desprezo que tinha provocado a Paulo e que sua alegria por isso não foi intencional, e Paulo sabia que isso tinha acontecido. Ou também poderia demonstrar que Paulo temia João e, logo, não existia motivo algum para a raiva de Paulo ter provocado o assassinato de João, tornando o motivo de vingança improvável. E os dois não possuíam uma relação pessoal que poderia fazer com que Paulo sentisse raiva de João (CONLEY, 2005, p. 310).

Aristóteles, com isso, mostra a importância do estudo das emoções para um orador persuadir um determinado público. Tal estudo abastece o orador de conhecimentos e de argumentos para, por exemplo, argumentar ou não que Paulo matou João. É necessário também que o retórico transforme um argumento tradicional, duas premissas e uma conclusão, em um argumento entimemático. Essa habilidade requer do orador uma distinção entre uma mera evidência e premissas que formam uma ligação entre o que ele está defendendo ou acusando e os dados disponíveis (CONLEY, 2005, p. 310). A reivindicação do orador, isto é, as evidências e a o conhecimento sobre o *páthos* e o *éthos*, apenas podem formar um argumento quando as afirmações são inseridas uma em relação à outra. Em síntese: primeiro, o suporte para a reivindicação; segundo: a relevância da reivindicação; e terceiro: a relação. Vejamos o esquema proposto por Conley:

(1) ACUSADOR:

Reivindicação 1: Paulo matou João.

Argumento 1: Aquele que está com raiva busca vingança

Paulo estava com raiva de João.

Nascimento, Joelson
A relação entre lógica, páthos e éthos na Arte Retórica de Aristóteles

Reivindicação 2: João desprezou Paulo.

Argumento 2: Desprezo é causa de raiva

Reivindicação 3: João desprezou Paulo

Argumento 3: Alegrar-se com o infortúnio do outro é sinal de desprezo

João alegrou-se...

(2) DEFENSOR:

Reivindicação: Paulo não matou João.

- | | |
|--|--|
| a) Amigos não ficam com raiva um do outro. | a) Paulo e João eram amigos. |
| b) A alegria de João não foi intencional. | b) João reconheceu a intencionalidade. |
| c) Se houve desculpa, não existe a raiva. | c) João desculpou-se. |
| d) Não há raiva quando há medo. | d) Paulo temia João. |

O tópico “d” se dá porque, para Conley (2005, p. 304-305), a produção e a dissolução das emoções no público se devem a duas observações feitas por Aristóteles sobre o *páthos*. Primeiro, sobre a interconexão causal entre as emoções e, segundo, porque toda emoção pode ser anulada por outra. Uma pessoa pode sentir medo ao se defrontar com alguém que tenha grande poder destrutivo ou prejudicial. Com isso, ela não sentirá raiva do que teme, pois o medo exclui a raiva; se uma pessoa sente grande medo, ela não pode ser confiante; se uma se comporta respeitosamente, não pode ser chamada de desavergonhada.

O esquema acima sugere que o que Aristóteles tem em mente não é simplesmente um estudo sobre os estados emocionais ou, podemos acrescentar, um estudo sobre o modo de ser do sujeito, mas um estudo que permita uma argumentação retórica quando necessária ou permitida. A prova disso é a forma entimemática do argumento gerado pelo orador. Depois, as justificativas são os lugares onde o orador criará a conexão entre suas reivindicações e os dados que estão à sua disposição.

As emoções, de acordo com Mayer, “possibilitam uma lógica acrescentada às oposições possíveis entre os indivíduos” (in ARISTÓTELES, xlvi, Prefácio). Por exemplo: o desprezo é contrário à cólera, apesar de Aristóteles também falar da emulação como contrário do desprezo. Mas para que isso aconteça, o sentimento de emulação deve vir acompanhado da desvalorização do indivíduo, tornando-se assim o contrário do desprezo; mas poderíamos contrapor a emulação à calma indiferente, pois

Nascimento, Joelson

A relação entre lógica, páthos e éthos na Arte Retórica de Aristóteles

esta se contrapõe cólera. Por essas afirmativas, tem-se a impressão de que as paixões são contraditórias ao possuírem mais de um contrário, ou, como afirma Meyer: “parecem transformar-se num redemoinho infernal em que os pontos de referência acabam por desaparecer” (in ARISTÓTELES, xlvii, Prefácio).

No entanto, essa confusão é apenas aparente. Vejamos o exemplo dado por Meyer de dois indivíduos, A e B, que aqui chamaremos ficcionalmente de Marcos e Alcides, de como as paixões podem guarnecer uma demonstração entimemática. Imaginemos que Marcos queira ser superior a Alcides. Para que isso aconteça, o sentimento adequado será o de desprezo. O resultado esperado será o de distanciamento em relação a Alcides na medida em que Marcos pressupõe que Alcides não seja digno das coisas boas que conquistou, pois seu destino é desproporcional ao seu caráter ou sua capacidade. Existe a possibilidade que Alcides contrapor essa visão sobre sua pessoa, mas para isso deverá ficar encolerizado, afirmando, por exemplo, que Marcos é que está se sentindo mais importante do que é. No entanto, a cólera só poderá ser utilizada se, e somente se, Alcides não tiver medo de Marcos, como vimos no esquema proposto por Conley, ou se Marcos realmente não for o que ele pensa ser. Isso é uma prova que Marcos não é superior a Alcides e, logo, não pode ameaçá-lo, pois o temor exclui a cólera. Tem-se também a opção de que Marcos não dê importância para Alcides, caso em que confirmará seu desprezo.

Outra possibilidade proposta por Meyer (in ARISTÓTELES, xlviii, Prefácio) diz respeito ao fato de Marcos se considerar superior a Alcides, estando os dois no mesmo nível, sem, no entanto, sentir desprezo por ele. A consequência é que Marcos, ao invés de sentimento de desprezo, sentirá piedade. Mas se ele considerar que os bens adquiridos por Alcides não foram merecidos, o sentimento será o de indignação.

O sentimento de inveja nasce entre iguais, por exemplo, entre pessoas que possuem o mesmo cargo político, mesmo grau de ensino, etc. A indignação inverte a relação entre Marcos e Alcides, fazendo com que Alcides sintam-se superior a Marcos. Para Alcides, o que Marcos realmente tem é uma falsa impressão de superioridade. A indignação faz com que Alcides se distanciasse de Marcos, mas isso não o torna realmente superior, pois:

A indignação é, segundo Aristóteles, um equívoco na relação entre indivíduos que faz o inferior crer-se igual em pretensões ao superior.

Nascimento, Joelson

A relação entre lógica, páthos e éthos na Arte Retórica de Aristóteles

A superestima naquilo que pensa ter o direito de esperar. A indignação diz respeito ao mérito que cabe à superioridade e a confirma (MEYER in ARISTÓTELES, xlviii – xlix, Prefácio).

Se a indignação afasta os sujeitos, a piedade os aproxima. Assim, existe uma lógica de distanciamento e de aproximação em relação ao outro. Além disso, há também uma lógica da inferioridade, transportada pelo temor, pela vergonha; da superioridade, através da confiança e da impudência; do passional, do ódio e cólera, que gera a vontade de afastar-se daqueles que se acham superiores e não o são; do amor e da amizade, que aproximam os indivíduos. A inveja e a emulação é uma relação que se dá entre iguais. Diferentemente da piedade, no entanto, ela faz com que as pessoas se aproximem, assim como se dá no amor. O amor e a amabilidade criam a identidade entre os sujeitos, havendo um preenchimento do espaço deixado vago pelas pessoas (MEYER in ARISTÓTELES, xlix, Prefácio). Já a inveja, apesar de nascer entre os iguais, não contribui para a aproximação dos indivíduos: como os iguais estão próximos, a inveja faz o outro sentir-se diferente, ou seja, melhor. A vergonha dá importância ao olhar do outro, no entanto, na impudência, esse não é levado em consideração, ou seja: reage-se ao outro assim como à sua reação, por isso o temor e a confiança têm seus contrários na calma e no estado de equilíbrio. Em suma: “As ações humanas, portanto, correlativamente às paixões, são por natureza aquilo que suscita visão, compaixão e temor, como o repetirá Aristóteles na *Poética*, onde estuda o discurso que reproduz (*mímeses*) a paixão” (MEYER in ARISTÓTELES, L, Prefácio).

A utilidade do *éthos* para a construção de um argumento racional pode ser exemplificada através do livro I da *Ret.*, onde Aristóteles fala sobre as provas não técnicas na retórica judicial. Schutrumpf (1994, p. 97) afirma que o *éthos* está intrinsecamente ligado às questões surgidas nos tribunais, como um acusador ou um defensor, como vimos acima, deve-se referir a si próprio ou ao caráter de seu oponente a fim de chamar a atenção para que tipo de homem pode ou não realizar tal ação. Mas isso não significa que o caráter esteja separado das paixões. De acordo com os gregos, afirma Meyer (in ARISTÓTELES, xxxiv, Introdução), o artificial, aquilo que não tem um fim em si mesmo de forma natural, é o contraponto do natural. O ato de agir e o de pensar antes da agir (ou seja, a ação e a deliberação) será ajustado em função dos meios e dos fins escolhidos. Isso leva a uma relação entre *éthos* e *páthos*, porque uma ação moralmente boa parte de deliberação com base na justa medida. O *páthos* é o empecilho

Nascimento, Joelson

A relação entre lógica, páthos e éthos na Arte Retórica de Aristóteles

da ação. Temos que saber lidar com as emoções, caso contrário seremos dominados por elas e fugiremos sempre para os extremos, ou seja, os vícios. Isso apenas pode ocorrer com seres que não possuem escolha. Um animal, por exemplo, não pode escolher, quando está faminto, atacar ou não uma presa, mas, nesse caso, não podemos afirmar que o animal é passional:

A planta não tem escolha ética e, ao contrário do que se passa com o homem, seu fim lhe é prescrito. A planta, avançando inexoravelmente para seu destino e realizando-o biologicamente, não poderia, pois, ter paixão. O *páthos* tornou-se assim paixão, expressão da natureza humana, da liberdade, comprometido com a ética, portanto com a ação, que transforma a paixão de preferência em virtude [...] As paixões são ao mesmo tempo modos de ser (que remetem ao *éthos* e determinam um caráter) e respostas a modos de ser. Daí a impressão de que as paixões nada têm de interativo, sendo somente estados afetivos próprios da pessoa como tal (MEYER in ARISTÓTELES, xxxiv – xlvii, Introdução).

Mostrada essa relação, voltemos ao *éthos*. Como dissemos, uma das provas não técnicas são as testemunhas. Aristóteles (*Ret.*, II, 1376a) diz que as frases de pessoas ilustres são de grande utilidade com prova. Por exemplo: usar frases de Platão ou Sócrates. Aqui o *éthos* torna-se uma prova que pode ser utilizada pelo orador. As testemunhas, afirma, são as que mais correm o risco de sofrerem processos caso aparentem estarem mentindo. A função de tais testemunhas é o de afirmarem se um fato aconteceu ou não, não de julgarem a qualidade da ação. Para isso, as testemunhas mais confiáveis são as que não possuem relação alguma com o assunto em pauta, e os mais dignos são as testemunhas que estão no auge da vida, porque não propensos à corrupção. Para aqueles que faltam testemunhos, usam-se entimemas que apoiem o julgamento com base nas probabilidades: “Os argumentos de probabilidade não se podem deixar corromper por dinheiro [...] Os argumentos de probabilidade não podem ser surpreendidos em falso testemunho” (*Ret.*, II, 1376a). Para aqueles que possuem testemunhas e seu oponente não: “as probabilidades não valem perante um tribunal [...] Não haveria necessidade de testemunhas, se bastasse especular na base de argumentos de probabilidade” (*Ret.*, II, 1376a). Alguns testemunhos são dirigidos ao acusador, outros ao seu adversário. Alguns se atentam aos fatos, já outros se referem ao caráter das duas partes. É por isso que os testemunhos são importantes, pois, quando não é possível retirar dos fatos entimemas que apoiem o defensor ou acusador, é possível

Nascimento, Joelson

A relação entre lógica, páthos e éthos na Arte Retórica de Aristóteles

retirar do conhecimento pertinente ao *éthos* dos indivíduos: “Quanto aos demais argumentos sobre a testemunha, se é amiga, inimiga ou indiferente, se é de boa, má ou mediana reputação [...] devem formar-se a partir dos mesmos lugares de que derivamos os entimemas” (*Ret.*, II, 1376a) ou seja, do *éthos* e do *páthos*.

Essa relação entre entimema, *páthos* e *éthos* na *Ret.* indica, de acordo com Kastely (2004, p. 222), claramente a insuficiência do *lógos*. A prova disso é que Aristóteles não teria motivo algum para a construção do livro II, sendo suficiente o Livro I para dar conta de uma persuasão usando argumentos inferenciais. O problema é que o filósofo leva em consideração o modo como as pessoas avaliam e confiam nos argumentos dos oradores. Isso faz da *Ret.* uma obra que vai além do interesse apenas em uma estrutura lógica, assumindo também o objetivo de mostrar como a razão humana usa certas situações particulares em princípios utilizáveis para seus julgamentos: “Se um público outorga a justeza de um argumento, mas não é movido a agir sobre as bases desse argumento, então o argumento falha como um empenho da retórica” (KASTELY, 2004, p. 224). O argumento deve ser trabalho retoricamente, isto é, o discurso deve estar investido de *páthos* e *éthos*.

Essa peculiaridade da retórica aristotélica torna a razão humana complexa, pois leva em consideração situações particulares vividas pelo auditório. O público traz consigo certas experiências e interesses particulares que necessariamente devem incluir o *éthos* e o *páthos* para os julgamentos práticos e estéticos. Eles são as provas técnicas, próprias do argumento retórico, por isso a importância desses elementos dada por Aristóteles. A crítica feita aos seus antecessores foi ao fato de eles usarem as emoções e o caráter para apenas manipularem os sentimentos dos juízes. A crítica, por sua vez, não está no uso, por exemplo, das emoções, mas porque os criadores de manuais retóricos não deram a devida importância para esses dois elementos. Ou seja: não entenderam a sua função artística e principalmente não levaram em consideração sua complexidade e sua força persuasiva. Aristóteles dá um salto perante seus antecessores, pois entende que a retórica está ligada tanto à dialética quanto aos estudos da ética e das paixões:

Dada a natureza heterônoma da retórica, sua tarefa não pode ser simplesmente explorar argumentos cujas estruturas lógicas são tão sólidas. Mas deve criar complexos juízos lógicos, éticos e emocionais os quais podem ser efetivos diante um determinado público. (KASTELY, 2004, p. 224)

Nascimento, Joelson
A relação entre lógica, páthos e éthos na Arte Retórica de Aristóteles

7. Considerações finais

Vimos que a retórica de Aristóteles não é simplesmente uma retórica. Ela é uma *Arte Retórica*. Isso significa que seus estudos foram além de uma simples compilação dos conhecimentos sobre retórica até então. O passo mais importante que o diferenciou foi atribuir à retórica um objetivo não explicitado pelos criadores de manuais retóricos: não o de persuadir, mas o de conhecer os meios de persuasão. No entanto, esse primeiro passo, em nosso entendimento, não atribuiria a Aristóteles o status que possui, hoje em dia, nos estudos retóricos. O grande marco desse filósofo nessa área foi a união entre retórica, lógica, caráter e emoção ou, especificamente, a tríade *lógos*, *páthos* e *éthos*. Esses três elementos sempre estiveram nos discursos. Existia uma lógica, um princípio, podemos dizer, de não-contradição que era seguido, mesmo que intuitivamente, pelos oradores. A maioria usufruía do modo como era visto na sociedade, seu prestígio como homem bom, corajoso, piedoso para convencer as pessoas a fazer coisas do seu interesse. Vários, quando eram chamados para defender ou acusar alguém em um tribunal, apelavam para as emoções dos juízes com o fim de alcançarem seus objetivos. Quantos não apelaram ao sofrimento dos filhos e ao fato de nunca terem sido protagonistas de roubo ou corrupção? Apesar de todos esses elementos orbitarem o campo da retórica, o apelo ao *éthos* e ao *páthos* eram associados a armadilhas criadas pelos oradores e aos ataques verbais vistos nos tribunais. Aristóteles, ao transformar a retórica em arte, eleva-os ao status de provas do discurso. Ele usa a lógica unida ao caráter e às emoções para construir uma forte ferramenta de persuasão. Mostra que a oratória não é simplesmente o poder de convencer mediante a força do hábito, mas destaca que é necessário um estudo aprofundado das virtudes e das paixões. ‘Conhecer para convencer’ é a fórmula de uma nova retórica. O que é um silogismo? Como se estrutura um argumento? Quais as regras que não devem ser desrespeitadas para garantir o sucesso de um discurso? Lembremos que, apesar de estarmos no campo do discurso, a dialética tornou-se essencial para essa empresa, pois a base de toda argumentação retórica não está no necessário, mas sim no que acontece na maioria das vezes. Vimos que essa forma de demonstração é um silogismo que não precisa ser formalmente apresentado ao público em sua forma básica: de duas premissas e uma conclusão. Ele, por se basear em um conhecimento prévio do público, se dá ao luxo de suprimir uma de

Nascimento, Joelson

A relação entre lógica, páthos e éthos na Arte Retórica de Aristóteles

suas premissas. Esse conhecimento do público deve estar de acordo com o conhecimento do orador. Caso ele queira convencer um determinado auditório mediante o seu caráter, deverá ele saber que o público entende, mesmo intuitivamente, como se comportam os jovens, os de meia idade, os idosos, os que estão no auge da vida, os ricos, os poderosos, assim como eles são passionais diante de determinadas situações. O orador deve, pois, saber o que é a piedade, a amizade, a bondade, a ira, a calma, o ódio, a inimizade, o temor, a confiança, a vergonha, a desvergonha, o favor, a inveja. Por fim, o orador deve ter em mente todos esses caracteres e paixões, pois assim é o seu público: toma suas decisões a depender de quem o aconselha e em que disposições se encontram. Além do mais, deve conhecer também qual o contrário das paixões para uma aproximação e um afastamento quando necessário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARISTÓTELES, *Art of Rhetoric*, Translation by John Henry Freese, 10^a edition, Massachusetts: Loeb Classical Library, 2006.

_____, *Arte Retórica e Arte Poética*, Trad. de Antônio Pinto de Carvalho, Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint, 1985 (Coleção Universidade de Bolso).

_____, *Categories, On Interpretation, Prior Analytics*. Trans. H. P. Cooke and H. Tredennick, 06^a edition, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, Loeb Classical Library, 1983.

_____, *Ética a Nicômacos*, Trad. de Mário da Gama Kury, 3^a Edição, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

_____, *Methaphysics*, Translation by Hug Tredennick, 09^a edition, Massachusetts: Loeb Classical Library, 1989.

_____, *Retórica*, Trad. de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto, e Abel do Nascimento Pena, Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2005 (Biblioteca de Autores Clássicos).

_____, *Tópicos*, Trad. de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto, e Abel do Nascimento Pena, Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2007 (Biblioteca de Autores Clássicos).

CONLEY, Thomas, *“Pathe” and “Pisteis”*: Aristotle Rhet. II 2-11, Proquest Information and Learning Company, 2005.

KASTLEY, James L. *Rhetoric and Emotion in A Companion to Rhetoric and Rhetorical Criticism*, Unit States of America: Blackwell Publishing Ltda, 2004.

Nascimento, Joelson

A relação entre lógica, páthos e éthos na Arte Retórica de Aristóteles

MARITAIN, Jacques, *A ordem dos conceitos: lógica menor*, 7ª Edição, Trad. Ilza das Neves, Rio de Janeiro: Agir Editora, 1972.

MAYER, Michel, Prefácio in ARISTÓTELES, *Retórica das Paixões*, Trad. de Isis Borges B. da Fonseca, São Paulo: Martins Fontes, 2000 (Clássicos).

PERELMAN, Chain, TYTECA OLBRECHTS, Lucie, *Tratado da Argumentação: a nova retórica*, Trad. de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão, 2ª Edição, São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SCHUTRUMPF, Eckart, Non-Logical Means of Persuasion in Aristotle's Rhetoric and Cicero's De oratore, in *Peripatetic Rhetoric After Aristotle*: Rutgers University Studies in Classical Humanities. 1994.

SPINELLI, Miguel, *Sobre as diferenças entre éthos com epsilon e éthos com eta*, Revista Trans/Form/Ação, vol. 32, nº.2 Marília: 2009 (<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-31732009000200001>).

VERNANT, Jean Pierre, *As origens do pensamento grego*, 17ª Edição, Trad. Ísis Borges B. da Fonseca, Rio de Janeiro: Difel, 2008.

[Recebido em maio de 2015; aceito em julho de 2015]